

## **ESTAMOS DIANTE DE UMA NOVA REVOLUÇÃO? INVESTIGANDO OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO USO DE CELULARES MULTIFUNCIONAIS.**

**Alunas: Isabelle B. B. Ferreira**

**Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa**

### **Introdução:**

A partir da integração em rede dos computadores do mundo inteiro, possibilitada pela Internet, emergiu uma nova organização social, a sociedade em rede, onde, tudo está potencialmente interligado. Essa transformação gerou grandes mudanças na forma de viver e de ser da população mundial.

Depois dessa integração dos computadores mundiais, vemos, agora, um novo período de transformação, desencadeado pelo uso dos celulares. Cada vez mais fazemos uso de tecnologias da informática e das telecomunicações que nos permitem mobilidade. Em outras palavras, tecnologias foram desenvolvidas para permitir o uso de plataformas móveis para estarmos interligados. Estas são as tecnologias por trás da telefonia celular.

Os celulares inteligentes, que conjugam diversas funções, introduzem alterações no comportamento e nas formas de viver de seus usuários. Percebemos isso por sua grande penetração em todo o tecido social. Os celulares difundiram-se por todo sistema econômico e vêm gerando transformações aceleradas.

Tal como no caso da Internet, importantes alterações nas configurações psicológicas poderão ser uma das conseqüências de seu uso cotidiano. Observações preliminares sugeriram, por exemplo, que poderia estar ocorrendo a re-definição das esferas do público e do privado, que novas formas de controle poderiam estar emergindo e que um novo tipo de sociabilidade 24 horas por dia poderia estar sendo instaurado.

### **Objetivos:**

O objetivo da atual pesquisa foi inspirado em uma pesquisa anterior com jovens de 18 a 25 anos que tinha como objetivo: (1) a investigação dos hábitos de uso dos celulares entre os jovens das camadas médias urbanas; (2) a identificação dos perfis dos usuários de celulares pertencentes a essa faixa etária e classe social; (3) a investigação das alterações de ordem psicológica que o uso dos celulares está introduzindo em suas vidas.

Dentre os resultados da pesquisa com jovens sobre o uso dos celulares, um dos itens que nos chamou atenção foi: os constantes e muitas vezes contraditórios depoimentos sobre como, ao mesmo tempo, se sentem livres por conta dos celulares (na medida em que a possibilidade de serem vigiados à distância lhes dá uma maior autonomia) e se sentem invadidos pelos pais, que usam os celulares para exercer sobre eles novas formas de vigilância e controle. A partir desse resultado surgiu o interesse em pesquisar o uso do celular por mães de filhos na mesma idade que os sujeitos da pesquisa anterior.

Em função do que esses jovens diziam a respeito do uso que seus pais, principalmente suas mães, para mantê-los sob vigilância, foi sugerido pela Professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa que a equipe de pesquisa realizasse um levantamento análogo acerca do uso dos celulares por sujeitos que se enquadrassem em um perfil de mães com filhos entre 18 e 25 anos. Além de analisar a questão do controle, aspecto freqüente no relato dos sujeitos da pesquisa anterior, essa nova pesquisa tem como objetivo investigar os hábitos de uso na faixa etária entre 40 e 60 anos.

A pesquisa analisou como ocorreu a entrada do celular na vida dessas mulheres e as mudanças no seu cotidiano após a inserção dessa tecnologia. Nas entrevistas percebemos desde sua forma de uso inicial, quando adquiriram seus primeiros celulares, e pudemos acompanhar a evolução de sua maneira de usá-los até a forma atual.

### **Metodologia:**

A pesquisa foi realizada através de 20 entrevistas individuais gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

#### 1) Sujeitos das entrevistas

Alguns critérios foram determinados para o recrutamento dos sujeitos entrevistados: (1) ter entre 40 e 60 anos; (2) ser do sexo feminino; (3) ter filhos entre 18 e 25, que tenham celulares próprios; (4) morar com os filhos; (5) ter celular próprio há no mínimo um ano; e (6) pertencer às camadas médias e urbanas. A seguir, serão explicados os motivos pelos quais esses critérios foram estabelecidos.

O primeiro critério de recrutamento foi estabelecido considerando a idade que correspondesse à possibilidade de ser mãe de jovens entre 18 e 25 anos. Como a faixa etária dos filhos era ampla, também não se poderia limitar muito a idade das “mães”.

Quanto ao segundo critério de recrutamento, decidiu-se fazer apenas entrevistas com mães. Pois na pesquisa realizada com os jovens observou-se que alguns destes diziam sentir-se controlados, principalmente pelas mães. Sendo assim, na presente pesquisa, os sujeitos tinham de ser do sexo feminino. O terceiro e quarto critérios também foram impostos considerando a pesquisa anterior, a qual já determinava a idade dos jovens, o fato de terem celular próprio e morarem com as mães. Dessa maneira, mantém-se a possibilidade de ser feita uma comparação entre as duas pesquisas.

Em relação ao quinto critério, era necessário que os sujeitos tivessem celulares há no mínimo um ano, pois em outras pesquisas realizadas pudemos constatar que o uso dos celulares se modifica de forma relevante ao longo do tempo, tendendo a se tornar mais amplo. E, por fim, considerando os estudos que já mostraram que o uso do celular é sensível ao contexto sócio-cultural (Nicolaci-da-Costa, 2004, 2003), ficou definido que os sujeitos deveriam pertencer às camadas médias urbanas. Dessa forma, tem-se a finalidade de delimitar um perfil específico, pois o uso dessas camadas difere do uso das camadas menos favorecidas.

#### 2) Instrumentos de coleta de dados

Quanto à coleta de dados, inicialmente, um roteiro foi elaborado para a realização de entrevistas piloto. Após análise dessas primeiras entrevistas, foi elaborado um outro roteiro mais qualificado e aprimorado para investigar as questões de nosso interesse. Baseados neste novo roteiro – agora definitivo – foram efetuadas 20 entrevistas.

O roteiro definitivo é constituído por uma parte estruturada, referente à idade da mãe, sua ocupação, seu estado civil, número de filhos, idade dos filhos, com quantas pessoas mora e quem são, há quanto tempo tem o celular e quantos filhos têm celulares;

e uma semi-estruturada, que contém os principais itens que servem de base para as questões que se pretendia investigar, num total de trinta perguntas, em sua maioria, abertas. Perguntas abertas são caracterizadas por não limitar a resposta do sujeito entrevistado, oferecendo-lhe liberdade para responder da forma que desejar o que lhe é questionado. De modo a atingir os objetivos da pesquisa, as perguntas fechadas – caracterizadas pela limitação da resposta – eram seguidas de perguntas de aprofundamento (como, por exemplo, “por quê?”).

O roteiro foi utilizado como um instrumento para guiar o entrevistador. A entrevista deveria se assemelhar a uma conversa informal, por isso as perguntas não tinham uma ordem estabelecida e não eram lidas, evitando a artificialidade e a inibição do entrevistado. Além disso, para torná-las descontraídas, foram realizadas em locais escolhidos pelos próprios sujeitos.

As principais questões presentes no roteiro abordavam as seguintes temáticas: a rotina do uso do celular da entrevistada, as diferenças entre o uso do telefone fixo e do celular, as formas de relação interacional que perpassam o uso do celular, as mudanças ocorridas diante de seu uso (negativas, positivas, voltar à vida antes do celular), questões cotidianas (quando desliga, se já foi roubado, quebrado, ligações de madrugada etc.) e questões relativas à privacidade e à intimidade.

### **Roteiro das entrevistas:**

#### **I-Requisitos:**

- Ter entre 40 e 60 anos
- Ter filhos entre 18 e 25 anos
- Sexo feminino
- Morar com os filhos
- Ter celular próprio há no mínimo um ano
- Classe média / média alta

#### **II-Identificação:**

- Idade
- Ocupação
- Estado civil
- Número de filhos
- Idade dos filhos
- Com quantas pessoas mora? Quem são?
- Há quanto tempo tem o celular?
- Quantos filhos têm celulares?

#### **III.Roteiro**

- 1) Quando você comprou seu primeiro celular? Por quê?
- 2) Como você usa o seu celular? (Recebe mais / Faz mais ligação? Quem te liga / Pra quem você liga?).
- 3) Qual a maior utilidade do celular para você?
- 4) Quem tem o número do seu celular?
- 5) Qual telefone você usa mais: o celular ou o fixo? Por quê (para quê)?
- 6) Qual telefone você costuma dar primeiro? Celular ou fixo? Por quê?

- 7) Você tem o celular das suas amigas? Elas têm o seu? (Por quê?).
- 8) Tem o celular sempre por perto? Onde? Como?
- 9) Seu celular está sempre ligado? Por quê?
- 10) Você usa a agenda do seu celular?  
Em caso positivo: Quem são as pessoas que estão gravadas? Por quê?  
Você tem estes números só na agenda do celular?  
Em caso negativo: Onde mais?
- 11) Depois que você comprou o celular, como ficou o seu uso do fixo?
- 12) Quando as pessoas te ligam, elas ligam primeiro pra qual? Celular ou fixo?  
E, quando você liga para elas, liga pra qual primeiro? (investigar as ligações para os filhos)
- 13) Quem na sua casa tem celular? Eles compraram ou ganharam o celular? (Se ganharam, perguntar de quem e por quê. Se compraram, perguntar por quê).
- 14) Como é a comunicação entre vocês? (família / filhos / e outras pessoas da sua casa)  
Eles te ligam mais / você liga mais pra eles? Por quê?  
Normalmente vocês se ligam pra quê?  
Com que frequência vocês se falam durante o dia? (Enfatizar as ligações para os filhos)
- 15) Quando você liga pro celular de alguém, você costuma perguntar onde a pessoa está? Por quê? No caso das pessoas da sua casa (principalmente os filhos), você pergunta onde eles estão? Por quê?
- 16) Você atende qualquer um no celular em qualquer lugar e a qualquer hora? Em caso negativo: Quem você atende em qualquer lugar e a qualquer hora? Por quê? Como se sente quando liga para alguém e a pessoa não atende? Como se sente se essa pessoa for seu/sua filha? Por quê?
- 17) Você costuma olhar no visor antes de atender? Por quê? (investigar se o(s) filho(s) a identifica(m) antes de atender)
- 18) E toque diferenciado, você usa? (Em caso positivo, para quem e por quê?)
- 19) Como você se sente com a possibilidade de ser encontrada em qualquer lugar a qualquer hora?
- 20) E como você se sente com a possibilidade de poder encontrar as pessoas com quem quer falar em qualquer lugar e a qualquer hora? (Aqui, investigar a questão dos filhos).
- 21) Você costuma receber ligações de madrugada?  
Em caso positivo:  
No fixo e/ou no celular? (Cuidado para discriminar o que acontece no fixo e no celular)  
Quem costuma te ligar? Pra quê?  
O que você acha disso?
- 22) E você costuma fazer ligações de madrugada? Pra quem? Por quê?
- 23) Você recebe ligações a cobrar? De quem? Como se sente?
- 24) Você costuma emprestar seu celular? Por quê? Pra quem?
- 25) Se um celular de alguém da sua casa quebrar ou for perdido/roubado, o que acha que aconteceria? Alguém emprestaria o seu? Quem? Para quem?
- 26) Você já teve seu celular quebrado ou roubado? Como foi? Como se sentiu?
- 27) Quais as mudanças positivas que o celular gerou na sua vida? Por quê? Quais as mudanças negativas que o celular gerou na sua vida? Por quê?
- 28) Você gostaria de voltar à vida antes do celular? Por quê?

- 29) O que é privacidade pra você? Mudou alguma coisa na sua privacidade com o uso do celular?
- 30) E intimidade, o que é pra você? Como fica a intimidade com o uso do celular?

### 3) Procedimentos

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas presenciais e individuais, conduzidas de forma a preservar as características de uma conversa informal. Ficou a critério do entrevistado escolher o lugar mais conveniente para a realização da entrevista. Isso foi feito para permitir que ele se sentisse à vontade.

### 4) Análise de Dados

Após serem integralmente transcritas, as entrevistas foram submetidas às técnicas de análise qualitativa de discurso (ver Nicolaci-da-Costa, 1989, 1994, 2002b e c). Tal análise é realizada em duas etapas: a análise intersujeitos e a análise intra-sujeitos. A primeira consiste em buscar as respostas predominantes para a maioria dos sujeitos, uma visão panorâmica dos depoimentos é possível através do agrupamento de todas as respostas de todos os sujeitos, que são sistematicamente comparadas em busca de recorrências, fato possível visto que todos os sujeitos têm um perfil homogêneo e se pronunciam sobre todos os itens do roteiro. Nessa etapa, as respostas recorrentes já apontam para possíveis tendências centrais nos resultados, que serão confirmadas ou não na análise individual das entrevistas. A segunda etapa, a análise intra-sujeitos, se dá pela análise de cada entrevista individual e, nela, são investigados os possíveis conflitos e contradições que podem aparecer dentro do discurso de um mesmo sujeito. Essa técnica nos fornece um conhecimento tanto global quanto específico do material coletado e propicia, além disso, a revelação de significados que estão nas entrelinhas dos depoimentos.

## **Resultados:**

Os resultados foram analisados por completo por toda equipe, sendo que cada membro ficou responsável pela análise detalhada de determinados itens. A seguir se encontram, exclusivamente, os tópicos analisados por mim.

### **Os filhos tem prioridade, são alvos da comunicação via celular:**

A maioria das mães relatou receber chamadas a cobrar em seu telefone móvel, principalmente, dos filhos. Conseqüentemente, elas disseram não se importar, já que preferem ter notícias dos filhos ainda que por ligação a cobrar, do que não ter a menor idéia de seus destinos. Luciana da Silva, psicóloga com 55 anos menciona que geralmente não atende ligações a cobrar que recebe, mas que *“às vezes é meu filho, né? (...) se é ele eu atendo”*.

Márcia Amorim, professora secundária, 54 anos, acrescenta que recebe muita ligação a cobrar da filha e diz: *“eu quero mais é que ela se comunique, que entre em contato, sem problemas”*. Débora Costa, psicóloga, 54 anos, ainda traz um outro dado para justificar a enorme quantidade de ligações a cobrar que recebe de seus filhos dizendo: *“para eles não gastarem, é permissão minha, eu orientei assim (...)”*. Elizabeth Dantas, comerciante de 40 anos “e tal”, resume dizendo que *“atendo na boa ligações a cobrar dela (filha). Agora de outras pessoas eu nem atendo (...)”*.

Com relação ao fornecimento de seus números de celular, muitas mulheres escolhem cuidadosamente para quem os divulgam, ao contrário de uma minoria, que passa o celular para qualquer pessoa. Aquelas que fazem restrições, geralmente, dão o número para familiares, amigos próximos e, por vezes, colegas de trabalho. Marcela Andrade, 54 anos, dona-de-casa, exemplifica dizendo que “(...) *dou meu celular quando eu vejo que aquela pessoa vai mesmo precisar algum dia se comunicar comigo com o celular, mas não dou pra qualquer pessoa não*”. Tânia de Castro, professora de português, 53 anos, compartilha da mesma atitude que Marcela e diz que quem costuma ligar para ela além das pessoas do trabalho e de seus alunos, são:

*“(...)meu filho, marido, meu pai algumas vezes... Eu tenho uma irmã fora do Rio de Janeiro, então, se ela precisa falar alguma coisa urgente e ela sabe que eu não estou em casa, usa o celular. Um amigo ou outro assim... Mas poucas pessoas também tem meu número do celular. Eu não costumo dar o número para todo mundo.”*

Carla Dantas, decoradora, com 53 anos, informa ainda não ter se acostumado a divulgar o celular para qualquer pessoa: “(...) normalmente eu ainda não tenho o hábito de dar o celular para todas as pessoas”. [Quem é que tem o celular?] “Os filhos, família em primeiro lugar. As amigas mais chegadas cada vez mais pedem. Os profissionais com quem eu tô trabalhando pedem mais frequentemente. Ou com quem eu trabalho mais, estofador etc e tal. Ai eu dou porque eu acho que, agora, por exemplo, em loja, se eu vou fazer uma compra, eu dou o telefone fixo, de casa”.

O mesmo acontece com Débora Costa, professora de Psicologia e psicóloga, com 49 anos, que revela que: “(...) *A princípio, só quem tem meu número do telefone é o Ivan, que é meu filho, a Érica, minha filha, meus pais e meus irmãos, ponto. (...) [Amigos?] Bem íntimos (...) Fora isso não. Por exemplo, eu coordeno uma equipe de 42 professores, nenhum deles tem o meu celular*”.

Patrícia Ferrari, 53 anos, aposentada, é ainda mais radical e diz que: “*Quase ninguém tem o número do meu celular*”. [E geralmente quem te liga?] “*Minhas filhas, só*”. Entretanto, Grace Costa, comerciante com 48 anos, tem uma atitude diferente, e revela: “*os mais próximos com certeza têm, mas acho que é mais pela necessidade de falar mesmo, porque eu dou pra qualquer um, então até os amigos, conhecidos, né?! Se quiserem meu número eu dou (...)*”.

Além disso, são para estas mesmas pessoas que elas ligam normalmente, incluindo os filhos, que são alvos da maioria das chamadas realizadas por elas. Sabrina Padrão, 41 anos, advogada, corrobora esta afirmativa dizendo que liga principalmente: “*Para meu filho*”. Assim como Sabrina, Patrícia Ferrari, aposentada de 53 anos, diz que liga geralmente: “*Pra minhas filhas*”.

No que se trata de atender às chamadas recebidas, grande parte das entrevistadas informou atender, impreterivelmente, às chamadas dos filhos, a qualquer hora e lugar. Algumas disseram sempre atender também as ligações de seus pais, já idosos. Grace Costa, 48 anos, comerciante, cujo depoimento reforça vários outros, atende sua família em qualquer hora e qualquer lugar: “*minhas filhas e meu pai é praticamente certo: se ligou eu atendo*”. Nádia Carvalho, 48 anos, administradora, também encontra motivo para atender somente a família a qualquer hora:

“Por uma questão de... Sei lá, por ser da família mesmo. Já que eles podem estar precisando de mim. Embora os amigos também, não sei... Às vezes os amigos têm vários núcleos a quem recorrer. Se for um deles (filhos), de repente, o bom é recorrer a mim, né?! Ou minha mãe, uma pessoa da idade dela, que não tem celular. Aí se ela ligar pra mim eu não vou deixar de atender”.

Boa parte das entrevistadas disse fazer uma espécie de filtragem nas ligações recebidas. Decidem atender ou não às chamadas caso reconheçam o número,

dependendo ainda do que estão fazendo no momento da ligação, entre outras coisas. Nádia Carvalho, administradora, de 48 anos, por exemplo, afirma que atende o celular:

“(…) se eu conhecer o telefone. Se eu não conheço o telefone nem sempre eu atendo. (…) Se eu tiver no trabalho eu vou olhar, vou atender se for da minha casa, se for da minha mãe. Agora, se for um amigo meu e eu lá no meio de uma reunião eu não vou atender”.

O depoimento de Elizabeth Dantas, comerciante com 40 anos “e tal”, esclarece como se dá essa filtragem, informando qual é sua atitude para evitar certas pessoas “(…) *eu tenho uma amiga dessas, que é muito assim*” “*stocker*”. *Liga quinhentas vezes (…)*” E momentos específicos: “*É o meu trabalho normalmente, aí eu falo do telefone do trabalho. No cinema eu atendo, eu ponho pra vibrar e atendo baixinho. Mas também não atendo todo mundo não, é quem eu acho que tenho que atender*”.

### **Telefone fixo ou móvel: funções distintas:**

Quanto ao desligamento do aparelho, algumas entrevistadas disseram deixá-lo sempre ligado. Porém, grande parte relatou desligar seus aparelhos à noite, quando estão em casa. Seja para recarregá-los, seja porque já podem ser acessadas por outro meio – o telefone fixo de casa. Algumas delas disseram desligar seus aparelhos enquanto estão em cinemas, teatros e missas, religando-os em seguida.

Solange Fernandes, 54 anos e aposentada, conta que “(…) com essas saídas da Mariana (filha) eu deixo ligado direto. Durante a madrugada, deixo ligado do lado da minha cama”. Entretanto, diz que em teatro ou cinema “geralmente desligo ou deixo para o silencioso”. Silvia Junqueira, professora de português, 49 anos, também compartilha da mesma preocupação em deixar o celular sempre ligado, mesmo que no vibracall: “(…) em cinema, teatro, sala de aula, lugares onde atrapalho, eu deixo pra vibrar (…) Pra falar a verdade, até pra dormir eu esqueço de desligar (…) Esqueço não, eu não tenho o hábito de desligar. Tá sempre ligado, 24 horas”.

Já Debora Costa, psicóloga, 49 anos, diz: “(…) *quando chego em casa desligo. (…)* Porque eu não uso ele em casa, eu tenho outro telefone. Se alguém liga pro meu celular que é das minhas relações... Bom se é das minhas relações já sabe se eu tô em casa ou não. Se liga e cai na caixa postal, liga pra minha casa”.

Rafaela Carneiro, 45 anos, administradora, tem a mesma opinião que Débora. Afirma que seu celular, quando chega em casa, fica “*desligado. [Direto?] Quando eu chego em casa ele desliga para descansar a bateria. (…)* Quando elas (filhas) não estão em casa à noite. Bom, se eu também não tiver, estiver na rua, ele fica ligado. Mas isso no final de semana. Durante a semana raramente eu saio. Então eu também não faço uso dele, porque eu estando em casa tem duas linhas para quem quiser falar”.

Quando questionadas acerca do número de telefone que fornecem primeiro, a escolha foi bem dividida: algumas preferem dar o celular; outras preferem o de casa, deixando o celular como telefone de acesso apenas para casos específicos conforme citado acima. Tânia de Castro, professora de português com 53 anos, diz que dá primeiro os telefones fixos, uma vez que considera:

“(…) *o celular como uma coisa muito pessoal (…)* *Aí nunca eu dou meu celular, nunca! (…)* eu dou mais (o número do celular) assim, para as pessoas próximas”. Patrícia Ferrarri, de 53 anos, aposentada, faz o mesmo que Tânia contando que: “*Eu dou o meu, o convencional. Eu falo que tenho celular, se quiser. (…)* não ligo muito pra ele (…) porque eu tô acostumada. Com a minha idade, sempre tive telefone comum. Pra mim existe mais o comum do que o celular. Só penso no comum, esqueço do celular”.

Entretanto, também tem aquelas que preferem dar o número do celular primeiro, como Regina Ribeiro, fonoaudióloga, 46 anos, que *“Atualmente tenho dado mais o celular (...) pra pacientes né?! Que eles podem falar comigo e eu identifico logo também o telefone de quem está ligando, se eu posso atender na hora eu falo, se não tá gravado o número ali e eu falo depois. O de casa já fica mais difícil né”*.

Elizabeth Dantas, 40 anos “e tal”, comerciante, sempre fornece primeiro o celular *“quando a pessoa me pede um segundo número, aí eu dou o meu (convencional). Porque eu acho (o celular) mais seguro, no outro você descobre onde a pessoa mora e com celular você não tem esse problema”*. Ludmila Alves, 43 anos, professora de História e diretora de Artes, resume dizendo que dá o *“celular (...) porque eu posso olhar no visor e ver se quero atender”*.

O grupo de entrevistadas ficou bem dividido em relação a esse aspecto, conforme demonstrado acima. Entretanto, Márcia Amorim, 54 anos, professora secundária, não se encaixando em nenhum desses dois grupos, diz que, na dúvida, ela dá *“os dois (...) porque se não me encontra em casa, me encontra no celular”*.

### **Uma questão: emprestar ou não emprestar o celular:**

Quando questionadas se emprestariam seus celulares a outras pessoas, a maior parte das entrevistadas disse que emprestaria. Porém, por se tratar de um aparelho pessoal, o fariam com restrições. Sendo assim, afirmam emprestar em situações específicas e, principalmente, para seus filhos e familiares. Luciana da Silva, 55 anos e psicóloga, não costuma emprestar seu celular. Entretanto, considera algumas exceções, como quando afirma:

*“A não ser que você veja que aquela pessoa tá numa situação desesperada, sei lá. Passou mal no meio da rua, precisa avisar alguém... não sei. Nunca me aconteceu isso, mas talvez emprestasse numa situação dessa”*.

Elizabeth Dantas, comerciante com 40 anos “e tal”, também emprestaria seu aparelho esporadicamente: *“Só acontece assim, se a pessoa está sem o celular ali na mão, esqueceu: ‘ah eu preciso falar, por favor, me empresta?’. Aí, tudo bem, mas isso é raríssimo”*. Grace Costa, 48 anos, comerciante, explica que emprestaria o celular apenas *“(...) se minhas filhas ou meu marido estivessem precisando mais do que eu”*. Ainda assim em situações especiais: *“A Camila foi numa festa, aí eu emprestava pra se caso ela precisasse de alguma coisa. Mas também era só nessas situações. Emprestar por nada eu não emprestava não. Eu precisava dele”*.

Patrícia Ferrari, 53 anos, aposentada, também emprestaria seu aparelho: *“Só pra parente, para as minhas filhas. Pra estranho não. Eu confio nelas, agora estranho eu não sei pra onde vai ligar e depois vem à conta pra mim, podem sumir com ele ou quebrar meu celular”*.

Já Renata Loureiro, médica, com 51 anos, em virtude de sua profissão, não empresta seu celular *“de maneira nenhuma! (...) Porque não tem sentido emprestar meu celular pra ninguém, se eu digo que é um objeto meu de trabalho (...)”* Débora Costa, psicóloga com 49 anos, também revela preferir não emprestar seu celular, pois assim pode ficar acessível aos seus filhos. Diz que *“(...) não emprestaria o meu porque é a minha comunicação com eles (...) Porque prefiro eu ficar com o meu, porque eles me ligam de qualquer orelhão, podem dar notícias né?!”*.

Poucas mães disseram emprestar seus aparelhos para outras pessoas realizarem uma ou outra ligação. Como Ludmila Alves, diretora de Artes e professora de História, 43 anos, que empresta para *“fazer chamada, principalmente em set de filmagem. Já*

*emprestei meu telefone várias vezes. Agora pra levar, para os outros é claro que não*". Lúcia Pinheiro, 51 anos, administradora dos imóveis da família, diz o mesmo: *"Posso emprestar assim, leva, quer usar, usa, mas levar para casa, acho que não"*.

### **Como agiriam caso seus celulares quebrassem ou fossem roubados:**

A maior parte delas disse também que, caso seus celulares quebrassem ou fossem roubados, acreditariam que haveria uma troca intrafamiliar de aparelhos, como exemplifica Regina Ribeiro, 46 anos, fonoaudióloga: *"Todo mundo empresta pra todo mundo não tem problema"*.

Algumas entrevistadas acreditam que, em caso de roubo ou quebra de seus aparelhos, seus filhos emprestariam seus celulares para elas, como mostra Patrícia Ferrari, aposentada de 53 anos: *"Eu tenho certeza que minhas filhas me emprestariam"*. Porém, algumas mães preferem emprestar seus próprios aparelhos para os filhos, caso estes tenham seus celulares roubados ou quebrados, para que os mesmos permaneçam acessíveis a elas. Sabrina Padrão, 41 anos, advogada, explica o porquê: *"Certamente porque eu preferiria que ele estivesse, porque para mim ele está mais na rua, ele está circulando mais na rua do que eu, faculdade, curso, estágio. E como ele é meu filho, eu fico preocupada"*.

Boa parte delas disse também que logo providenciaria outro aparelho em reposição, uma vez que, atualmente, adquirir um novo telefone móvel é fácil e rápido. Grace Costa, comerciante com 48 anos confirma: *"[Assim, se o celular de alguém da sua casa for roubado ou perder, o que ia acontecer?] Iríamos providenciar outro o mais rápido possível! Depois que a gente se acostuma é muito difícil ficar sem celular"*.

Márcia Amorim, 54 anos, professora secundária, concorda com Grace a respeito de um possível roubo de seus celulares: *"Agora, se foi roubado, acho que no mesmo dia eu ia pra loja comprar outro"*.

Quanto a uma possível quebra dos celulares, as entrevistadas tentariam o recurso de mandar seus aparelhos para uma assistência técnica especializada ou trocá-lo definitivamente. Carla Dantas, decoradora de 53 anos, exemplifica: *"Eu ia comprar um outro. Roubado não tem jeito, nunca mais você vê. E quebrado eu ia ver se tinha conserto ou comprar outro"*.

### **Como usam o celular em relação a amigos e a administração da casa:**

Quando as entrevistadas usam os celulares em relação aos amigos/as, estas o fazem de maneira rápida e específica, para pequenas combinações e avisos. Já que para baterem papo todas dizem preferir fazê-lo do telefone fixo de casa que é mais confortável, barato e menos intrusivo – longe de estranhos. Márcia Amorim, professora secundária de 54 anos, diz, por exemplo, que:

*"(...) Emergência, celular; fixo, conversa natural. (...) Alguma coisa que queira falar rápido, né?! Eu quero resolver agora alguma coisa, antigamente ia tudo para os fixos, né?! Hoje em dia a emergência vai pro celular"*. Carla Dantas diz ligar para o celular de suas amigas: *"Se eu preciso desmarcar uma coisa ou mudar um horário, sempre tem uma razão específica. Agora, para saber como está, as ligações que a gente faz rotineira para saber como está, sempre do fixo à noite, em geral à noite"*.

Uma parte das mães relatou usar o celular também para administrar a casa e a vida familiar, usando-o para saber quem vai almoçar ou jantar em casa, o que está faltando em casa e precisa comprar, quem vai dormir em casa, quem precisa de carona ou não etc. Segundo Grace Costa, 54 anos, que mora com seu marido, duas filhas e a mãe, e trabalha como comerciante fora de casa, o celular também tem esta utilidade de

administração da rotina de casa, para: “(...) *trocar as informações. Assim, ‘tá tudo bem, vou chegar mais tarde, você vem almoçar hoje?’*. As meninas também ligam pra saber se posso buscar ou levar não sei aonde, precisam de dinheiro ou qualquer coisa assim. (...) Também falo com a Nilda [empregada], às vezes ela quer falar que acabou tal coisa em casa, ou que ligaram lá falando alguma coisa... Coisas assim”.

### **Interpretação dos Resultados:**

Para que pudéssemos interpretar os resultados acima analisados, ao longo do período compreendido entre setembro de 2005 e junho de 2006, fizemos um levantamento do que vem sendo dito sobre os impactos dos celulares na literatura especializada. Este levantamento foi bastante trabalhoso, pois a literatura sobre os impactos dos celulares é pequena e está espalhada por diversas disciplinas.

Outra dificuldade que se apresentou foi a de que praticamente toda ela é publicada em inglês e nem todos os membros do grupo de pesquisa dominam bem esta língua. Mesmo assim, conseguimos levantar os seguintes itens bibliográficos que consideramos relevantes para compreender as mudanças que vêm sendo geradas pelos celulares:

- ALMEIDA, M. I. M. e TRACY, K. M. A. Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Trabalho original publicado em 1996)
- \_\_\_\_\_ Internet e sociedade em rede. In MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 255-287. (Trabalho original publicado em 2000)
- FORTUNATI, Leopoldina. Italy: stereotypes, true and false. In: KATZ James E.; AAKHUS, Mark (Orgs.). **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p 42-62.
- GERGEN, Kenneth J. The challenge of absent presence. In: KATZ James E.; AAKHUS, Mark (Orgs.). **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, 227-241.
- KATZ, James E.; RICE, Ronald E.; ASPDEN, Philip. The Internet, 1995-2000: access, civic involvement, and social interaction. 2000. Disponível em <http://www.scils.rutgers.edu/~jimkatz/Syntopia/syntopia.htm>. Acesso em 17 mai 2005.
- VIRILIO, P. **Espaço crítico**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999. (Trabalho original publicado em 1984)

Esperamos que este levantamento nos permita compreender mais detalhadamente os resultados apresentados anteriormente, principalmente aqueles que julgamos ser mais interessantes como aqueles sobre segurança (há indicadores de que esta segurança pode estar principalmente associada à tranquilidade gerada para as mães pelo fato de saber que os filhos estão bem), sobre controle (que foi qualificado por muitas como um controle diferente daquele ao qual elas próprias foram submetidas) e sobre privacidade (que as mães revelam não deixar que seja invadida).

## Referências Bibliográficas:

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. *Psicologia Ciência e Profissão*. Brasília: v.24, n.1, p.82-83.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: v.20, n.2, p.prelo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2003). Jovens e celulares: a cultura do atalho e da sociabilidade instantânea. In: Seminário Culturas Jovens e Novas Sensibilidades, 2003, Rio de Janeiro. *Culturas Jovens e Novas Sensibilidades*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, v.prelo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2002b). Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?. *Estudos de Psicologia* (UFRN), volume 7, n.1, pp. 25-35.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2001) *Estamos diante de uma nova revolução? Investigando os impactos psicológicos do uso de celulares multifuncionais*, projeto de pesquisa apresentado ao CNPq no ano de 2001.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1994). A análise de discurso em questão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, volume 10, n. 2, maio/agosto (pp. 317-331).

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1989). Questões metodológicas sobre a análise de discurso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, volume 4, n. 1/2, (pp. 103-108).